

O ENSINO DO PRONOME NA GRAMÁTICA DE JULIO RIBEIRO

Jéssica Tavares (UFF)
jessicatavares@hotmail.com

1. Introdução

A presente pesquisa é fruto da minha pesquisa de mestrado, apresentada no ano de 2011, na Universidade Federal Fluminense, sob o título de *A descrição do pronome nas gramáticas do século XIX*. Como se pode depreender do título, foram analisadas várias gramáticas do século XIX. Portanto, o que abordarei nas próximas linhas, trata-se tão somente, de uma pequena parte do meu trabalho de investigação.

O estudo descritivo das gramáticas do século XIX insere-se na linha da historiografia linguística, ciência, do início dos anos 70, que consiste em descobrir com profundidade o conhecimento linguístico, e que, para tanto, dialoga com outras ciências, como a linguística, a história e a filosofia, dentre outras.

Neste trabalho, analisaremos o pronome na obra de Julio Ribeiro em sua *Grammatica Portuguesa*, obra de 1881 é de grande representatividade para o século XIX. Com a publicação da gramática, inaugura-se, pois, o método histórico-comparativo na descrição da língua portuguesa no Brasil.

Ribeiro, tomando como base as doutrinas de autores estrangeiros, consegue conferir uma nova orientação para os estudos gramaticais no Brasil, introduzindo os parâmetros da gramática científica. Tal fato se revela de grande relevância, uma vez que muitos filólogos posteriores a ele não conseguiram romper com a tradição greco-latina, que muito desprestigiava o ensino do vernáculo nas escolas.

Julio Ribeiro é quem, de fato, inaugurou o método histórico-comparativo no Brasil. Ele e outros gramáticos se espelharam nos pressupostos teóricos positivistas e se apoiaram nas mudanças promovidas pelo ensino brasileiro, a partir de 1870, sobretudo com a atuação de Fausto Barreto na direção do Colégio Pedro II.

2. O pronome na *Grammatica Portugueza*

2.1. Situação do pronome

Em Julio Ribeiro, a taxonomia é a parte da gramática que distribui as palavras em grupos mediante as ideias de que se compõe o pensamento. Em *Grammatica Portugueza*, as palavras estão classificadas em oito categorias: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção, que se arranjam entre si em três divisões naturais:

- a) Três grupos de palavras independentes das outras, capazes de formar sentenças por si: o substantivo, o pronome e o verbo.
- b) Três grupos de palavras qualificadoras, dependentes sempre de outra palavra que elas descrevem ou limitam – o artigo, o adjetivo e o advérbio.
- c) Dois grupos de palavras conectivas que juntam uma palavra em outra, ou uma sentença com outra – a preposição e a conjunção.

Essas oito categorias de palavras se organizam ainda em dois grupos: o das palavras sujeitas à flexão ou variáveis, e o das palavras não sujeitas à flexão, as invariáveis. Classificam-se no primeiro grupo o substantivo, o artigo, o adjetivo, o pronome e o verbo, e no segundo grupo encontram-se o advérbio, a preposição e a conjunção.

2.2. Definição de pronome

Pronome é, na definição de Júlio Ribeiro “a palavra usada em lugar de um substantivo” (1885, p. 71). Ele não considera que o pronome, como na atual concepção do termo, acompanhe um substantivo, mas tão somente o substitui.

2.3. Classificação pronominal

O pronome se classifica em pronome substantivo e pronome adjetivo. O pronome substantivo é aquele que está no lugar de um substantivo sem limitá-lo por nenhuma maneira. O pronome adjetivo é o que está no lugar de um substantivo, limitando-o ao mesmo tempo de alguma maneira.

Os pronomes substantivos podem ser chamados também pronomes pessoais, pois denotam pessoas. Há, segundo o autor, três pessoas

gramaticais: a que denota quem fala (1ª pessoa), a que denota o interlocutor (2ª pessoa) e a que denota o assunto (3ª pessoa). Há, também, três classes de pronomes pessoais: os pronomes de 1ª pessoa (eu, nós), os de 2ª pessoa (tu, vós) e os de 3ª pessoa (ele, eles).

2.4. Tipologia pronominal

Os pronomes substantivos são “eu”, “tu”, “ele”, “nós”, “vós”, “eles”, e os pronomes adjetivos são “este”, “esse”, “aquele”, “este outro”, “esse outro”, “aquele outro”.

O pronome adjetivo se divide em demonstrativo, distributivo, conjuntivo, possessivo e indefinido. Ele, nada mais é do que o adjetivo determinativo empregado na sentença sem substantivo claro, embora haja nesta classe pronomes essenciais que não podem ser construídos com substantivo: “isto”, “isso”, “aquilo”.

2.5. Funções sintáticas

São cinco as relações que possuem entre si as palavras ou grupos de palavras, a saber: relação subjetiva, relação predicativa, relação atributiva, relação objetiva e relação adverbial.

- a) Relação subjetiva é a relação em que o sujeito de uma sentença está para como seu predicado. Pode estar em relação subjetiva um nome, um pronome, uma parte da oração substantivada, uma frase, uma cláusula, um membro, uma sentença.
- b) Relação predicativa é a relação em que o predicado de uma sentença está para com seu sujeito. Pode ser expressa por um verbo somente ou por um verbo de predicação incompleta ou por um verbo qualquer seguido de adjuntos adverbiais.
- c) Relação atributiva é a relação em que a palavra que representa alguma qualidade, alguma circunstância da coisa de que se fala, está para com a palavra que representa tal coisa. Pode ser expressa por um artigo, substantivo apostro, adjetivo descritivo, adjetivo determinativo, particípio, substantivo precedido da preposição “de”.
- d) Relação objetiva é a relação em que está para com um verbo de ação transitiva, o objeto a que se dirige, ou sobre que se exerce

essa ação. Só podem servir de objetos os substantivos ou então palavras, frases, cláusulas e sentenças tomadas como tais, isto é, substantivadas.

- e) Relação adverbial é a relação em que está para com um adjetivo, verbo ou advérbio a palavra, frase ou cláusula que determina esse adjetivo, verbo, ou advérbio. Pode ser expressa por um advérbio, por um substantivo precedido de preposição e pelos pronomes substantivos em relações apropriadas ao caso. São consideradas relações apropriadas ao caso: a relação adverbial (ex.: Pedro veio *comigo*), a relação objetiva dos pronomes pessoais usada, por idiotismo da língua, em vez da relação adverbial (ex.: Paulo deu-*me* um livro em vez de Paulo deu *a mim* um livro), por uma cláusula de advérbio (ex.: Antonio estava lendo *quando eu cheguei*) (215)⁴⁸.

2.5.1. Sujeito

Todas as palavras que servem de sujeito a um verbo se põem em relação “subjativa”. Como em português não se declinam os substantivos, a aplicação desta regra só se torna patente quando o sujeito é um pronome substantivo. Ex.: *Eu* vejo as árvores; *Tu* queres pão. No entanto, há exceções:

- a) Quando o pronome substantivo sujeito de um verbo no infinito depende de um verbo no finito (verbos no modo indicativo, imperativo, condicional e subjuntivo) põe-se em relação objetiva. Ex.: *Eu vi-o* caminhar às pressas; *Deixa-o* ir (254).
- b) Quando o infinito de um verbo transitivo que governa um objeto ou uma frase equivalente a um objeto, se constrói com os verbos “deixar”, “fazer”, “ouvir”, “ver”, o sujeito desse infinito, se é um pronome substantivo pode-se colocar em relação adverbial, e também em relação objetiva adverbial. Ex.: *Deixa ao* vento levar as mágoas; *Fiz a* muitos verter lágrimas; *Ouvi-lhe* dizer que não vinha; *Veja-me* erguer este peso (254).
- c) Os pronomes substantivos em relação adverbial nunca podem servir de sujeitos, nem mesmo nas frases infinitivas que vêm

⁴⁸ Os números que aparecem entre parênteses referem-se às páginas da gramática de Júlio Ribeiro.

depois de uma preposição. Em tais casos usa-se da relação subjetiva. Ex.: Esta laranja é para *eu* comer (254). No Brasil, no entanto, Pereira nos mostra que este preceito não é seguido e, que, construções do tipo “Para mim comer” são bastante comuns (1885, p. 254).

O sujeito, mormente quando pronome substantivo, pode e até deve ser omitido, sempre que de tal omissão não resultar dificuldade de interpretação.

Não se pode, em geral, fazer omissão do sujeito, ainda mesmo sendo ele pronome substantivo nas

- a) cláusulas que têm sujeito diverso. Ex.: Eu *rio* e tu *choras*; Se tu *ficas* eu *parto* (254).
- b) sentenças enfáticas e nas intimativas. Ex.: *Eu sei* que Pedro tem dinheiro; Nós te *ordenamos* que vás (254).

Os pronomes adjetivos indefinidos “quanto”, “tanto” nunca estão em relação subjetiva e, conseqüentemente, nunca podem servir de sujeitos.

2.5.2. *Predicado*

A palavra que serve de predicativo do sujeito de um verbo, se é pronome substantivo, assume a relação flexional desse sujeito, isto é, toma a flexão da relação subjetiva. Ex.: Eu não sou *tu*; Si tu fosses *ele* (256).

O predicado, quando é representado por um pronome substantivo da terceira pessoa, referente a um ou mais substantivos mencionados na sentença ou na cláusula anterior, assume a flexão da relação objetiva: *Estarás tu cansado? Não o* estou (256).

Os pronomes, em geral, podem servir de predicado. Ex.: *Quem é tu? Quantos são eles? Tantos somos, quantos sois.*

2.5.3. *Objeto*

Toda a palavra que serve de objeto a um verbo põe-se em relação objetiva. No entanto, como em português não se declinam os substantivos, a aplicação desta regra só se torna patente quando o objeto é repre-

sentado por um “pronomo substantivo”. Ex.: Eu *o* vejo; Queres-*me* muito (257).

Pôr em relação subjetiva o pronome substantivo que serve de objeto a um verbo é erro comum no Brasil, até mesmo entre as pessoas mais instruídas, segundo Júlio Ribeiro: Eu vi *ele*; Espere *eu* (257).

2.5.4. Advérbio

Os pronomes substantivos em relação adverbial são sempre regidos por uma preposição: *a* mim; *de* ti; *por* si; *com* ele. Já os pronomes “migo”, “tigo”, “sigo”, “nosco” e “vosco” são sempre regidos pela preposição “com”.

Os pronomes substantivos podem, ademais, aparecer em “relação objetiva adverbial”. Nessa situação, equivalem sempre a pronomes substantivos em relação adverbial, servindo de complemento às preposições “a” e “de”.

Me	Equivale a	A mim	Ou a	De mim
Te		A ti		De ti
Se		A si		De si
Nos		A nós		De nós
Vos		A vós		De vós
Se		A si		De si

Os pronomes substantivos em relação objetiva adverbial equivalem algumas vezes aos adjetivos possessivos “meu”, “teu”, “seu” etc. Ex.: Ele *me* é pai; Amigas *te* somos; Não *lhe* sou tutor, em vez de: Ele é meu pai; Somos tuas amigas; Não sou seu tutor.

Atualmente os pronomes átonos (me, te, lhe, nos, vos, lhes) que funcionam como objeto indireto podem ser empregados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular.

3. Pronomes com função adjetiva

O pronome na *Grammatica Portuguesa* não pode desempenhar a função de adjetivo, pois o pronome é o termo que se emprega no lugar de um substantivo. Inclusive sua definição de pronome adjetivo diverge da utilizada atualmente em nossas gramáticas. O pronome adjetivo nada

mais é do que o adjetivo determinativo empregado sem substantivo claro. Dessa forma, destinamos uma parte do trabalho para tratar dos adjetivos.

3.1. Adjetivo

Para Ribeiro o adjetivo “é uma palavra que descreve ou determina o substantivo” (1885, p. 66). Ele se divide em adjetivo descritivo e adjetivo determinativo. O adjetivo descritivo denota a qualidade ou a propriedade da coisa significada pelo substantivo a que ele se refere. Ele não tem significação por si: denota sempre alguma qualidade ou propriedade que se supõe existir ligada a um sujeito. Além disso, ele é facilmente convertido em substantivo. O adjetivo descritivo pode ser restritivo ou explicativo. Ele será restritivo quando denotar uma qualidade acessória do substantivo (homem bom, cavalo preto) e será explicativo quando denotar uma qualidade essencial, que já se inclui na ideia do objeto (diamante duro, homem mortal).

O adjetivo determinativo, também chamado limitativo, denota o número, a posição ou qualquer outra limitação da coisa significada pelo substantivo a que ele se refere. Ele subdivide-se em: numeral, demonstrativo, distributivo, conjuntivo, possessivo e indefinido.



O adjetivo determinativo numeral é um adjetivo empregado para designar limitação. Ele se divide em: cardinal (um, dois, três), ordinal (primeiro, segundo, terceiro) e multiplicativo (duplo, triplo, quádruplo).

O adjetivo determinativo demonstrativo é o que designa pessoas ou coisas distinguindo-as de outras no que diz respeito a lugar ou a tempo. Ex.: este, esse, aquele, este outro, esse outro, aquele outro.

O adjetivo determinativo distributivo é o que indica que os indivíduos que compõem um todo ou agregado devem ser considerados separadamente. Ex.: cada, cada um, cada qual.

O adjetivo determinativo conjuntivo é o que conjunta cláusulas. Ex.: qual, o qual, cujo. Essa classe de adjetivo corresponde ao atual pronome relativo.

O adjetivo determinativo possessivo é o que indica senhorio ou posse em referência às coisas significadas pelo substantivo a que ele se junta. Ex.: meu, teu, seu, nosso, vosso, próprio, alheio.

O adjetivo determinativo indefinido é o que limita pessoas ou coisas sem indicação de individualidade particular. Ex.: alguns homens, certos negócios.

O que caracteriza terminantemente o adjetivo e o discrimina de qualquer outra espécie de palavras, é a circunstância de andar ele sempre ligado a um substantivo ou pronome, na qualidade de atributo ou de predicado. Vindo a preencher outra função, isto é, a figurar por si só, quer de sujeito, quer de complemento direto, quer enfim de complemento indireto, ele deixa de ser adjetivo para assumir uma qualificação diversa. Neste novo estado os “descritivos” passam a ser tidos como “substantivos”, e os “determinativos” como “pronomes”.

3.2. Características morfológicas

Os pronomes substantivos ou pessoais, para exprimir as diversas relações, flexionam-se do seguinte modo especial:

3.2.1. Singular

	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
Relação subjetiva	eu	Tu	ele, ela
Relação objetiva	me	Te	o, a, se
Relação adverbial	mim, comigo	ti, contigo	si, consigo, ele, ela
Relação objetivo-adverbial	me	Te	lhe, se

3.2.2. Plural

	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
Relação subjetiva	Nós	Vós	eles, elas
Relação objetiva	Nos	Vos	os, as, se
Relação adverbial	nós, conosco	vós, convosco	si, consigo, eles, elas
Relação objetivo-adverbial	Nos	Vos	lhes, se

“Lhe”, como se nota no esquema acima, só recebe flexão de número (lhes) e, quando em concurso com “o”, “a”, “os”, “as”, forma “lho”, “lha”, “lhos”, “lhas”.

Em relação à flexão dos pronomes adjetivos, aplica-se tudo o que concerne à flexão do adjetivo determinativo. Desse modo, tanto o adjetivo como o pronome adjetivo admitem flexão de gênero, de número, de grau de significação e de grau de qualificação.

O pronome indefinido “alguém” é equivalente exato de “alguma pessoa”, e “ninguém” de “nenhuma pessoa”. Já “outrem” é equivalente exato de “outra pessoa” e, atualmente é mais empregado depois de preposição: Não faça *a outrem* o que não queres que te façam. Todavia pode-se empregar como sujeito de sentença: Que nunca tirará alheia inveja, o bem que outrem merece e o céu deseja (254).

O pronome indefinido “tal” prescinde do artigo: Eu não disse *tal*; Nós não soubemos *tal*. Alguns gramáticos consideram “tal” nestes casos como advérbio; fundam-se no fato de se empregá-lo com verbos intransitivos. Ex.: É verdade que estiveste em Paris? Não estive *tal*. O emprego de “tal”, em estilo familiar, é acompanhado de artigo para indicar pessoa ou coisa personificada de que já se falou: “Lá está *o tal*; Aí vem *as taes*” (254).

Na metalinguagem atual, “tal” assume o valor de pronome demonstrativo quando sinônimo de “este”, “esta”, “isto”, “esse”, “essa”, “isso”, “aquele”, “aquela”, “aquilo” ou quando sinônimo de “semelhante”.

Em relação à flexão numérica dos adjetivos, Ribeiro informa que eles seguem geralmente as regras dadas para a flexão numeral dos substantivos.

3.3. Etimologia

Os pronomes substantivos e suas variações são, segundo Ribeiro (1885, p. 177) de origem latina. Assim:

- a) “Eu” é o abrandamento da forma românica *eo*, em que se converteu o pronome latino *ego*.
- b) “Me”, “tu”, “te”, “se”, “nós”, “nos”, “vós”, “vos” são formas latinas inalteradas.
- c) “Mim” vem de “mi”, contração clássica do dativo latino *mihī*

- d) “Ti”, “si” vêm dos dativos latinos *tibi, sibi*.
- e) “Comigo”, “contigo”, “consigo”, “conosco”, “convosco” vêm das formas latinas compostas *mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum*, as quais o povo antepôs pleonasticamente a preposição “com”, já existente na posição de *cum* às formas primitivas.
- f) “Ele”, “ela”, “eles”, “elas” vêm de *ille, illa, illis, illas*, formas de *ille*.
- g) “Lhe”, “lhes” vêm dos dativos latinos *illi, illis*.

A etimologia dos pronomes adjetivos é, com algumas exceções, a mesma que a dos adjetivos determinativos.

Quem	de	Qu’heme (que homem), heme por homem
Alguem		Alg’heme (aliquis homo)
Ninguém		Nen heme (Nec hem, Nec homo)
Al		Aluid
Nada		Nata (res nata)
beltrano, fulano, sicrano		Origem incerta

Os adjetivos determinativos são, em sua quase totalidade, oriundos de formas latinas.

Um, dous, tres, quatro	Vêm de	Uno, duos, tres, quatuor
Primeiro, segundo, terceiro		Primario, secundo, tertiaro
Duplo, tripulo, quádruplo		Duplo, triplo, quadruplo
Este, esse, aquelle, est’outro, ess’outro, aquell’outro		Iste, ipse, hic ille, ist’altr’ro, ips’altr’ro, hic ill’altr’o
Que, qual, cujo		Qui, quali, cujo
Meu, teu, seu, nosso, vosso		Meo, tuo, suo, nostro, vestro
Proprio, alheio		Proprio, alieno
Algum, certo, mais, menos, mesmo, muito, nenhum, outro, pouco, quanto, só, tal, tanto, todo		Aliqu’uno, certo, magis, minus, metipsimus, multo, null’uno, altero, paucio, quanto, solo, tali, tanto, toto

3.3.1. Origens diversas

Cada	Vem de	<i>kadá</i> preposição grega que significa individuação de escolha, sucessão; e talvez melhor que <i>quot</i> latino, que dá o sentido exato do português “cada”, e que também era usado no singular como se vê em <i>quotidie</i> .
Cada um		“Cada” e “um”, raízes já portuguesas
Qualquer		“Qual” e “quer”, raízes já portuguesas
Quejando		“Que” e “jando” (do francês antigo <i>gent, gentil, belo</i>)

3.4. Pronome relativo

Na *Grammatica Portugueza* é denominado pronome conjuntivo. Inserem-se no grupo desse pronome: que, quem, qual e cujo.

Nos compêndios atuais, além dos pronomes citados por Ribeiro, figuram na classe dos relativos o qual, quanto e onde.

“Que” e “quem” se referem sempre a um nome da cláusula principal. Esse nome se chama antecedente: pode ser masculino ou feminino; no singular ou no plural.

Quando em sentenças interrogativas, o pronome “que” admite depois de si o nome a que se refere: Que homem é este? Que casas são aquelas? (252)

“Quem” é equivalente exato de “homem que”, “mulher que”, “pessoa que”, “homens que”, “mulheres que”, “pessoas que”, por isso encerra em si o seu antecedente e não pode ter antes ou depois de si nome a que se refira. Ex.: Conheço quem escreveu o artigo; Vi quem quis ofender-me (252).

Sendo “quem” governado por uma preposição, pode referir-se a um antecedente que é sempre nome de pessoa: O homem a quem demos o livro; As mulheres de quem compramos frutas.

Ao empregar-se a preposição “sem”, deve-se dizer “sem o qual”, “sem a qual”, “sem os quais”, “sem as quais”, e não “sem quem”, visto que formaria um som desagradável.

“Qual”, considerado como pronome conjuntivo, é sempre precedido do artigo: “o qual”, “a qual” etc. Quando figura sem artigo, atua como os demonstrativos “este”, “esse” e “aquele”: Qual do cavallo vôa que não desce (252).

“Qual” empregado como interrogativo não admite artigo: Quais são teus amigos? Qual é o teu? (252)

Os pronomes “cujo”, “cuja”, “cujos”, “cujas” equivalem perfeitamente a “de que”, “de quem”, “do qual”, “da qual”, “dos quais”, “das quais” e, por consequência, só devem ser empregados quando podem ser substituídos por esses equivalentes: O menino cujo mestre sabe ensinar; As meninas cuja mestra é indolente (252).

Embora seja clássico e correto o emprego de “cujo” como predicado e sem ter antecedente claro, é arcaico: *Cujo é o gado?* O uso atual de “cujo” é fazê-lo servir de sujeito, de objetivo de verbo ou de regime de preposição, dando-lhe antecedente claro, e fazendo-o seguir imediatamente do nome com que concorda.

4. Colocação dos pronomes

Os pronomes substantivos em suas formas “o”, “a”, “os”, “as”, “me”, “te”, “se”, “lhe”, “nos”, “vos”, “lhes” são denominados enclíticos, uma vez que sempre se acostam ao verbo depois do qual vêm: *viu-a; dizem-me* (116).

A colocação de pronomes sujeitos nas sentenças efetua-se de acordo com os seguintes preceitos:

- a) No indicativo e no condicional, nos tempos simples e nos compostos das sentenças declarativas, o pronome sujeito antepõe-se geralmente ao verbo: *Nós* queremos; *Nós* desejaríamos; *Vós* não sabeis; *Eles* teriam vindo (244).

Porém, pode-se, por ênfase, pospor o sujeito: *estávamos nós* em Paris; *tinha ele* chegado. O mesmo ocorre quando o sujeito não é representado por pronome. Ex.: *Brilhava a Lua* e céu sem nuvens; *Vinha desfilando o Exército* (244).

- b) Nas sentenças interrogativas pospõe-se o pronome sujeito ao verbo. *Queres tu* vir almoçar comigo? (244)

Cumprе notar que, principalmente no Brasil, vai-se estabelecendo o uso de construir as sentenças interrogativas em ordem direta, deixando-se o seu sentido de pergunta a cargo somente da inflexão da voz. Ex.: *Tu* queres vir almoçar comigo? (244)

- c) Com verbos no imperativo, o pronome sujeito, se vem claro, pospõe-se. Ex.: *Dize tu*; *Correi vós* (244).

O mesmo se observa nas sentenças negativas em que o imperativo é substituído pelo subjuntivo presente. Ex.: *Não digas tu* – *Não corrais vós* (245).

- d) Com verbos no subjuntivo, se é expressa a conjunção de subordinação, o sujeito, quer seja representado por pronome, quer por substantivo, antepõe-se geralmente. Ex.: *Desejo que ele* venha

antes que os criados tenham saído. Si fica oculta a conjunção o sujeito pospõe-se. Ex.: Oxalá tenha ele vida (245).

- e) Com verbos no infinito e no particípio, pospõe-se o sujeito. Ex.: Falares *tu* assim é indecoroso; *Morto Pedro* ninguém mais reinará (245).
- f) Com verbos no infinito perfeito o sujeito, pronome ou substantivo fica geralmente entre o auxiliar e o particípio aoristo (tempo verbal que indica em absoluto a preteritividade do enunciado). Ex.: ter *eu* faltado à palavra; Terem os *franceses* chegado tarde (245).
- g) Servindo a frase infinitiva de complemento a uma preposição antepõe-se geralmente o sujeito. Ex.: Para *eu* comer – Em *Paulo* chegando (245)
- h) “Eu” antepõe-se a “tu”, e “tu” a “ele”, “ela”; “nós” antepõe-se a “vós” e “vós” a “eles”, “elas”. Ex.: *Eu* e tu estamos bons; *Tu* e ele sois ricos. Dizer “tu e eu”, “ele e tu” etc. é francesismo injustificável, na opinião de Ribeiro (1885, p. 246)

A colocação dos “pronomes objetivos” nas sentenças efetua-se de acordo com os preceitos seguintes:

- 1) Com verbo no indicativo o pronome objeto:
 - a) Nos tempos simples, exceto o futuro, antepõe-se ou pospõe-se indiferentemente. Ex.: Eu *te* amo ou amo-*te* (246)
 - b) Nos tempos compostos, exceto o futuro anterior, antepõe-se ou pospõe-se ao auxiliar. Ex.: Nós *o* temos visto ou temol-*o* visto (246).
 - c) No futuro anterior antepõe-se sempre ao auxiliar. Ex.: Tu *nos* terás visto; Ele *o* terá querido (246).
 - d) Nos tempos simples dos verbos pronominais, e em todas as pessoas verbais que têm o acento tônico sobre a última ou sobre a penúltima sílaba, excetuando sempre o futuro, antepõe-se ou pospõe-se, desde que não resulte equívoco ou colisão de sons. Ex.: Eu *me* queixei ou queixei-*me*; Eu *me* queixo ou queixo-*me*. As construções “Vós queixai-*vos*”; “Nós queixávamos-*nos*” são de difícil enunciação, em seu lugar deve-se dizer “Vós *vos* queixais”; “Nós *nos* queixávamos” (246).

- e) Nas sentenças negativas geralmente antepõe-se. Ex.: Ele não *me* quer (246).

2) Com verbos no imperativo e pronome objeto:

- a) Em sentença afirmativa, pospõe-se sempre. Ex.: Mata-*me* – Julgai-*me* vós (246).
- b) Em sentenças negativas, nas quais o imperativo é substituído pelo subjuntivo, antepõe-se, continuando posposto o pronome sujeito. Ex.: Não *me* descubras *tu!* (246)
- c) Com verbos no subjuntivo, o pronome objeto antepõe-se sempre, seja a sentença afirmativa seja negativa. Ex.: Que ele *me* veja; Si *nós* o soubéssemos; Si eles não *nos* tivessem avisado; Quando eles não *me* tenham visto (246).

É importante notar que nas sentenças negativas, em todos os modos e tempos, coloca-se o pronome objeto entre a negação e o verbo; todavia, nos tempos do subjuntivo precedidos de quando, como, si etc., encontra-se não raro o pronome objeto antes da negação. Ex.: Si tu *me* não tivesses dito; Quando eu *o* não descubra (246).

3) Com o verbo no infinito pessoal o pronome objeto antepõe-se ao sujeito. Ex.: Descobrires-*me* tu. No entanto, se a frase do infinito pessoal é complemento de uma preposição, o sujeito antepõe-se ao pronome objeto, e ambos ao verbo. Ex.: Para *tu me* descobrires; Sem *vós me* verdes. Pode-se também dizer, deixando o sujeito depois do verbo: Sem o vermos *nós* (247).

4) O pronome objeto, o pronome em relação objetiva adverbial e a partícula apassivadora “se” nunca devem começar a sentença. Seria incorreto dizer: *Me* querem lá; *Te* vejo sempre; *Nos* parece; *Vos* ofereço; *Lhe* digo; *Lhes* peço; *Se* contam cousas feias; *Se* diz que ele vai etc. Deve-se dizer: Querem-*me* lá; Vejo-*te* sempre etc. (247).

5) Com verbos no indicativo futuro e no condicional imperfeito usa-se de uma construção especial: insere-se por tmese o pronome objeto entre o radical do verbo e a sua terminação. Ex.: Amar-*te-á*; Ver-*te-ia* (247).

Se o sujeito do verbo nestes casos está claro e é representado por um pronome substantivo, melhor será construir “*Ele te amará; Ele te veria*” (247).

6) Nas sentenças negativas, estando o sujeito oculto, o pronome objeto antepõe-se sempre. Ex.: Não *te* espero mais; Não me falarias assim; Si *o* não quiserem (247).

7) Com o verbo no infinito pessoal, estando o sujeito oculto, é indiferente antepor ou pospor o pronome objeto. Ex.: Sem *o* ter ou sem *tel-o* (247).

8) Com dois verbos no infinito coloca-se o pronome objeto, ou antes do primeiro, ou depois do segundo, ou entre ambos. Ex.: Sem *nos* poder ver, ou Sem poder ver-*nos*, ou Sem poder *nos* ver” (247).

9) Nunca se coloca o pronome objeto depois do particípio aoristo de tempo composto: assim, não se diz “*Havendo visto-te*” mas sim “*Havendo-te visto*” (247).

Os pronomes substantivos em relação objetiva ou objetiva adverbial que seguem o verbo são considerados enclíticos, e ligados por um hífen. Ex.: *Ama-me*; *Dei-te* um livro (248).

Quando, completando a significação de um verbo, vêm dois pronomes substantivos, um em relação objetiva e outro em relação objetiva adverbial, este, que representa o dativo latino aparece em primeiro lugar; ambos são considerados enclíticos e presos ao verbo por hifens. Ex.: *Vendeu-mo* (vendeu-me-o); *Tomou-lha* (tomou-lhe-a). (248)

Vindo, porém, “*se*” na construção, é ele que sempre ocupa o primeiro lugar, embora esteja em simples relação objetiva. Ex.: *converte-se-me* o filho; *Imputa-se-me* um erro. (248)

Os pronomes substantivos em relação objetiva ou objetiva adverbial admitem uma construção especialíssima usada antigamente pela gente culta, e hoje só pelo povo rude em Portugal. O pronome sujeito pos-

põe-se ao pronome objeto em relação objetiva adverbial. Ex.: Si vos é grave de *vos eu* bem querer; É como *a tu* queres (248).

“O”, “a”, “os”, “as”, vindo depois de uma forma de verbo terminada em “r”, “s”, ou “z” fazem com que qualquer dessas modificações se mude em “l”. Ex.: Amal-o; amamol-o; fil-o por Amas-o; amamos-o; fiz-o (248).

“O”, “a”, “os”, “as”, também convertem “l” e “s” das formas “nos”, “vos”. Ex.: Nol-o; Vol-a por Nos-o; Vos-a”.

“O”, “a”, “os”, “as”, vindo depois de um verbo terminado em voz ou por ditongo nasal, exigem a intercalação de um “n” eufônico. Ex.: Tem-no; Dizem-no; Dão-no; Amavam-no (248).

“O”, “a”, “os”, “as”, absorvem o “e” das formas “me”, “te”, “lhe”. Ex.: *mo; ta; lhos* por “me-o”, “te-a”, “lhe-os”. Estas mesmas formas em concurso com “lhes” exigem a queda do “s”, absorvem o “e”, e formam *lho; lha; lhos; lhas* (248).

“Nos”, “vos”, quando seguem imediatamente as formas verbais em “mos”, exigem a queda do “s” dessas formas. Ex.: Amamo-nos; Queremo-vos por Amámos-nos; Queremos-vos (248).

O emprego do pronome substantivo se pode dar, também, de maneira pleonástica, nas seguintes situações, conforme nos mostra Ribeiro (1885: 249):

- a) Com os verbos parecer e querer parecer (composto) empregam-se pleonasticamente e de modo como que antigramatical os pronomes substantivos da primeira pessoa do singular e do plural em relação subjetiva. Ex.: Eu parece-me que Pedro é rico; Nós quer-nos parecer que não vamos.

Este uso, autorizado pelo falar do povo e mesmo por escritores como Garret, não exige grande soma de atenção para ser entendido: é um jogo de retórica instintiva. A pessoa que fala faz uma reticência depois do pronome, e muda de frase. (...) “Eu ...parece-me que Pedro é rico; Nós... quer nos parecer que não vamos”. Em vez, pois, de ser erro, é uma figura cheia de naturalidade e belíssima (249)

- b) Emprega-se pleonasticamente o pronome substantivo em “relação objetiva” como explanação de um ou de mais substantivos já expressos. Ex.: A língua dessa terra não *a* sabiam; Pinturas e pejeas melhor é *vê-las* de longe (249).

- c) O pronome substantivo, também pleonástico, é empregado em “relação adverbial” como explanação de adjetivos determinativos possessivos já expressos. Ex.: Seu pai *dele*; Sua formosura *delas*. Este uso, no entanto, só ocorre com os pronomes substantivos da terceira pessoa do singular e do plural (249).

As expressões “dele”, “dela”, “deles”, “delas” devem, na língua atual, ser empregadas quando há necessidade de realçar a ideia de posse, quer visando à clareza, quer à ênfase.

- d) Empregam-se pleonasticamente os pronomes substantivos em “relação objetiva adverbial” como explanação de outros pronomes substantivos já expressos em relação objetiva. Ex.: Eu ferime a mim; Vós os vistes a eles (250).
- e) Empregam-se pleonasticamente os pronomes substantivos em “relação adverbial” como explanação de pronome substantivo já expresso em relação objetiva adverbial. Ex.: Parece-me a mim; Dei-lhes um livro a eles (250).
- f) Emprega-se pleonasticamente o pronome substantivo em “relação objetiva adverbial” como explanação de um ou de mais substantivo já expressos. Ex.: Ao doente não se lhe há de fazer a vontade (250).

Os pronomes substantivos em relação objetiva adverbial prestam-se em português a um idiotismo de grande força de expressão. Colocados de certo modo na sentença, não se subordinam à regência e traduzem por parte de quem fala curiosidade, desejo etc. Ex.: Quem é que *me* anda a escrever artigos de filologia na “Gazeta”? – Quem *me* dera uma coça naquele velhaco! (251)

Às vezes é expletivo. Ex.: Qual pleuris, nem qual carapuça! É comer-*lhe* e beber-*lhe*, que há de passar! (251). Estes processos pleonásticos contribuem para a clareza e elegância da expressão.

Em relação ao emprego de alguns pronomes demonstrativos, convém mencionar que “este”, “esse”, “aquele” se prestam a uma construção elíptica e comparativa que, revestindo o pensamento de uma forma vaga, lhe confere grande beleza. Em vez de dizer: Esta coisa que parece ninho; Essas coisas que parecem astros; Aquelas coisas que parecem estrelas, opta-se por “Este como ninho”; “Esses como astros”; “Aquelas como estrelas” (251). O pronome toma o gênero e o número do termo de comparação.

O artigo indefinido presta-se também à construção semelhante e assume, então, verdadeiro caráter de pronome demonstrativo. A concorância é, do mesmo modo que com os demonstrativos, com o termo de comparação: “Um como ninho”; “Uma como nuvem” (251).

5. Conclusão

Descrever a classe dos pronomes, conhecer a maneira como o gramático Julio Ribeiro a entendia, somente é possível por meio de uma pesquisa de cunho historiográfico. E embora a pesquisa historiográfica ainda seja incipiente no Brasil oferecer um estudo de descrição pronominal ao estudioso do tema é de suma importância, visto conter nele um alinhavo do pensamento linguístico brasileiro dentro do tema proposto e dentro de um determinado segmento de tempo.

Durante a primeira metade do século XIX, os compêndios gramaticais aqui produzidos pertencem, como se pôde observar, ao período racionalista da língua, cuja característica principal recai no fato de os nossos gramáticos terem tomado como base, durante o processo de elaboração de suas obras, os manuais lusitanos, visto que não havia ainda uma tradição linguística no Brasil. É somente com a influência de novas doutrinas científicas, a partir da segunda metade deste século, que se aborda o fato linguístico sob outras perspectivas.

No tocante à situação educacional de nossa nação no século XIX, deparamo-nos com uma lamentável realidade que ainda persiste em pleno século XXI: a educação brasileira continua sofrendo com o descaso por parte dos governantes políticos. O ensino de qualidade continua, pois, restrito à uma pequena parcela da população enquanto que a grande massa populacional sofre com as deficiências do ensino público.

Conhecer a abordagem pronominal desse autor nos levou a verificar que ela pouco se diferencia da concepção dos gramáticos hodiernos e que muitas ideias defendidas no século XIX se mantiveram em nossos dias.

A divergência entre a concepção pronominal do século XIX e a do século XXI recai, sobretudo, na conceituação desta classe gramatical. Uma vez que a definição de pronome de Julio Ribeiro restringe o campo de atuação desta classe pronominal, veremos que, conseqüentemente, a sua classificação, tipologia divergirão da concepção atual.

Na abordagem atual, o pronome pode ser pessoal, demonstrativo, interrogativo, possessivo, indefinido e relativo. Já no tocante à flexão pronominal, Ribeiro, da mesma forma que os compêndios gramaticais da atualidade, também concebem o pronome como uma classe flexionável.

Como se pode observar, o acesso à descrição pronominal em muito tem a enriquecer a formação e prática daqueles profissionais que se interessam pelo assunto, embora os estudos de cunho historiográficos sobre o pronome ainda sejam incipientes, o que suscita mais pesquisas a fim de robustecer a teoria em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 2. ed. [s.n.e.], 1885.

SANTOS, Jéssica Tavares dos. *A descrição do pronome nas gramáticas brasileiras do século XIX*. Dissertação de Mestrado. UFF, Niterói, 2011.